



Distinções de texto no Projeto de Gramática do Português Falado no Brasil

Text distinctions in the Spoken Portuguese Grammar Project in Brazil

Clemilton Lopes PINHEIRO*

Mateus PARDUCCI**

RESUMO: O Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF) foi uma iniciativa, liderada pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, que se propunha a descrever o português culto falado no Brasil a partir de uma perspectiva própria, com base nos dados do Projeto NURC/Brasil (Norma Urbana Culta). Essa perspectiva reconhece o funcionamento gramatical das línguas como um sistema composto por três subsistemas (fonológico, morfossintático e textual). No bojo do PGPF nasce a Perspectiva Textual-Interativa (PTI), uma abordagem proposta para fundamentar a descrição do subsistema textual em função da inexistência de uma teoria explicativa das regularidades desse subsistema. Nas formulações teóricas do PGPF e da PTI, se opera um movimento de distinção do termo “texto”. Nosso objetivo, neste artigo, é recuperar, histórica e epistemologicamente, essas distinções. Do ponto de vista metodológico, realizamos um estudo bibliográfico com base em apresentações/introduções dos trabalhos produzidos pelo PGPF, em um trabalho sobre o percurso de formação do PGPF e em estudos específicos que fundamentam a PTI. Uma das distinções associa texto ao lugar onde as regularidades do funcionamento da língua são percebidas, ou seja, texto é uma noção equivalente a atividade linguística propriamente dita e que corresponde à instância de observação dos fenômenos linguísticos. Outra distinção é feita para dar ao texto o estatuto de objeto de análise, como subsistema gramatical. Igualmente, a terceira distinção é feita para dar ao texto o estatuto de objeto de análise, mas, nesse caso, como unidade sociocomunicativa globalizadora. Mesmo de forma implícita e não sistemática, essas distinções sugerem a construção de diferentes construtos explicativos a partir da observação da diversidade de fenômenos que compõem a linguagem, assim como a tentativa de articular a diversidade teórica e de temas para cumprir o objetivo de construir um quadro teórico minimamente homogêneo. Essa característica do PGPF revela, portanto, sua herança para os estudos do texto, assim como a existência de perspectivas de desenvolvimento que apontam para a retomada dessas proposições como um empreendimento para a área, de forma especial, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática. História da Linguística. Perspectiva textual-interativa. Português falado. Texto.

* Doutorado em Letras, área de Filologia e Linguística Portuguesa (UNESP). Professor Titular de Linguística na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, RN – Brasil. clemilton.pinheiro@ufrn.br

** Mestrado em Estudos da Linguagem, área de Estudos em Linguística Teórica e Descritiva (UFRN). Natal, RN – Brasil. mateusparducci@outlook.com

ABSTRACT: The Spoken Portuguese Grammar Project (PGPF) was an initiative, led by Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, which aimed to describe the cultivated spoken Portuguese in Brazil from its own perspective, based on data from the NURC/Brasil Project (Urban Cultivated Norm). This perspective recognizes the grammatical functioning of languages as a system composed of three subsystems (phonological, morphosyntactic, and textual). Within the scope of the PGPF, the Textual-Interactive Perspective (PTI) was born, an approach proposed to ground the description of the textual subsystem due to the nonexistence of an explanatory theory for the regularities of this subsystem. In the theoretical formulations of both PGPF and PTI, a movement of distinction regarding the term “text” takes place. Our objective in this article is to recover, historically and epistemologically, these distinctions. From a methodological standpoint, we conducted a bibliographic study based on the presentations/introductions of the works produced by the PGPF, on a study regarding the developmental trajectory of the PGPF, and on specific studies that ground the PTI. One of the distinctions associates text with the place where the regularities of language functioning are perceived; that is, text is a notion equivalent to the linguistic activity itself and corresponds to the instance of observation of linguistic phenomena. Another distinction is made to grant text the status of an object of analysis as a grammatical subsystem. Likewise, the third distinction is made to grant text the status of an object of analysis, but, in this case, as an overarching socio-communicative unit. Even if implicitly and non-systematically, these distinctions suggest the construction of different explanatory constructs based on the observation of the diversity of phenomena that comprise language, as well as an attempt to articulate the theoretical and thematic diversity in order to achieve the goal of building a minimally homogeneous theoretical framework. This characteristic of the PGPF therefore reveals its legacy for text studies, as well as the existence of developmental perspectives that point toward the resumption of these propositions as an enterprise for the field, particularly in Brazil.

KEYWORDS: Grammar. History of Linguistics. Textual-Interactive Perspective. Spoken Portuguese. Text.

Artigo recebido em: 12.06.2026

Artigo aprovado em: 05.08.2026

1 Introdução

Em 1988, formou-se, nos estudos linguísticos brasileiros, sob a liderança do Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, o Projeto de Gramática do Português Falado no Brasil (PGPF), uma iniciativa de escopo nacional que nasceu inspirada por uma série de outras atividades de pesquisa sobre língua falada surgidas nos anos de 1960 e 1970. O PGPF se originou com o propósito de formulação de uma gramática do português culto falado no Brasil, com base nos dados do *corpus* Norma Urbana Linguística Culta do Brasil (NURC/Brasil).

Tendo em vista esse propósito, o PGPF organizou grupos de trabalho, conforme os principais planos da gramática de uma língua: fonologia, morfologia e sintaxe. Além disso, incorporou o texto como um plano da gramática, que se formalizou como tema do grupo de organização textual-interativa (também chamado grupo do texto). Ao incluir o plano textual em uma perspectiva gramatical, esse grupo precisou definir, antes de tudo, o que se configuraria como gramatical nesse plano, e, consequentemente, precisou propor um referencial teórico próprio para atender esse desafio: a Perspectiva Textual-Interativa (PTI).

Essa proposta de considerar o texto como plano gramatical não é a única entrada do termo “texto” no PGPF. Entre uma série de proposições teóricas gerais apresentadas como fundamentos para a criação de uma gramática, destaca-se a proposição de que a efetivação da atividade linguística ocorre na produção e recepção de textos, ou seja, texto, nesse caso, é o lócus das regularidades gramaticais. Uma outra proposição é a concepção de gramática da língua falada como um sistema de desempenho composto por subsistemas, entre os quais se insere o texto.

Ao considerar esse quadro, chama-nos a atenção, portanto, o fato de que há no PGPF algumas distinções do termo “texto”, as quais, pelo que nos parece, ainda não foram tema de estudos, quando se abordam o processo de construção da Linguística no Brasil, de forma particular, o processo de construção da chamada Linguística do Texto. Nesse sentido, neste trabalho, pretendemos recuperar, histórica e epistemologicamente, as distinções que se operam no quadro do PGPF com o objetivo de delinear o seu processo de formulação, e, dessa forma, abrir caminho para a discussão sobre possibilidades de desenvolvimentos.

Para levar a cabo essa tarefa, realizamos um estudo bibliográfico. Consideramos as apresentações/introduções dos trabalhos produzidos pelos grupos do PGPF, que estão reunidos em três conjuntos, publicados em três períodos distintos: o primeiro com oito volumes, publicados entre 1990 e 2003; o segundo, com três volumes, publicados entre 2006 e 2009; e o terceiro, com sete volumes, publicados entre 2013 e

2019. Além dessas fontes, consideramos o trabalho de Nascimento (1993) sobre o percurso de formação do PGPF, e alguns trabalhos específicos sobre a PTI: Jubran *et al.* (1992), Koch *et al.* (1994), Jubran (2006), Jubran (2007). O resultado deste estudo está textualizado em duas partes: a primeira focaliza as condições de surgimento e formação do PGPF e da PTI; a segunda se concentra na discussão sobre as distinções de texto.

2 Os contornos do PGPF e da PTI

Como já anunciamos, o PGPF nasceu inspirado por outras iniciativas de descrição da língua falada, que apareceram nos anos de 1960 e 1970. Os anos 60, em particular, são marcados pelo interesse pela língua falada – sobretudo na América Latina, região que, segundo Castilho (2019 [2006]), esteve na vanguarda desse tipo de pesquisas. Envolto nesse clima, conforme Castilho (2019 [2006], p. 10), “[...] grupos de pesquisadores afiliados a várias universidades brasileiras se engajaram na tarefa de documentar, descrever e refletir sobre a língua falada”.

Uma consequência dessa tendência foi a constituição do *corpus* Norma Urbana Linguística Culta do Brasil (NURC/Brasil), no período de 1970 e 1979, cujo objetivo foi reunir dados da língua portuguesa culta falada no Brasil. De posse desse *corpus*, como assinala Castilho (2021), os/as pesquisadores/as brasileiros/as puderam documentar, descrever e refletir sobre a língua falada no Brasil. O *corpus* NURC reúne uma grande quantidade de registros de fala de indivíduos, homens e mulheres, nascidos em Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, com nível superior de escolaridade, agrupados conforme a idade (25-35 anos, 36-55 anos, 56 anos em diante), e gravados em três situações distintas: aulas e conferências (elocução formal/EF), diálogos informais (diálogo entre dois locutores/D2), e entrevistas (diálogo entre locutor e documentador/DID). Segundo Castilho (2021, p. 5), “as gravações foram realizadas entre 1970 e 1977, tendo-se apurado um *corpus* gigantesco, constante de 1.870 entrevistas com 2.356 informantes, totalizando 1.570 horas de gravações”.

Segundo Castilho (2021), o material recolhido pelo NURC começou a ser analisado conforme um roteiro básico de pesquisa adaptado de uma versão espanhola, que compreendia três campos: fonético-fonológico, morfossintático e lexical. No entanto, houve uma série de problemas (falta de discussão sobre as especificidades da língua falada, ausência de modelo teórico, por exemplo) que impediram a continuação das análises. Anos mais tarde, foi proposta outra forma de explorar esse material: o PGPF. O NURC suscitou, portanto, a gênese desse Projeto, conforme narra Castilho (2021, p. 6).

O Projeto de Gramática do Português Falado teve início em 1987. Naquele ano, a convite da Profa. Maria Helena de Moura Neves, coordenadora do Grupo de Trabalho de Descrição do Português da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, apresentei ao respectivo Encontro Nacional, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o “Projeto de Gramática do Português Falado”, voltado para a preparação coletiva de uma gramática do português falado, com base nos materiais do Projeto NURC.

No ano de 1988, o PGPF surgiu com o propósito de criar uma gramática de referência do português culto falado no Brasil, com base nos dados do NURC/Brasil (Nascimento, 2005, p. 104). Para isso, formaram-se cinco grupos de trabalho (GT) de acordo com os planos da gramática: fonética/fonologia, morfologia derivacional/flexional, sintaxe (classes de palavras e relações gramaticais) e organização textual-interativa.

Mesmo nesse novo contexto, os/as pesquisadores/as não deixaram de se deparar com muitos problemas para a análise desses dados, entre os quais os de teor teórico-metodológico. O triplice obstáculo com o qual os/as analistas se depararam ao trabalhar com o material do NURC é apontado por Nascimento (1993, p. 94), na seguinte citação.

1. não tinha havido uma discussão sobre a especificidade do oral, e os instrumentos de análise tomavam a língua escrita como ponto de partida;
2. o modelo teórico adotado, que combinava elementos da Gramática Tradicional com uma sorte de “estruturalismo mitigado”, não dava conta de uma série de fenômenos típicos da modalidade falada;
3. novas tendências de indagação linguística, surgidas posteriormente à concepção do projeto, mostravam-se mais sensíveis a esse tipo de material, particularmente as aproximações entre a Sintaxe e o Discurso.

Esses obstáculos foram discutidos nos seminários organizados pelo Projeto (dez ao total), que ocorreram entre 1988 e 1998. Segundo Nascimento (1993) os GT foram formados ao longo dos seis primeiros anos (de 1988 até 1992). Contudo, a articulação dos grupos e o desenvolvimento das pesquisas não foram processos simultâneos e uniformes. No primeiro seminário, em 1988, o empreendimento de criar uma gramática foi balizado segundo dois princípios gerais: (i) a gramática da língua é composta por quatro níveis: fonologia, morfologia, sintaxe (os três tradicionalmente adotados em análises gramaticais) e texto; e (ii) como objeto gramatical a língua falada tem autonomia em relação à escrita, portanto, para explicá-la devem ser mobilizadas categorias analíticas condizentes com sua natureza. Apesar desse balizamento, os GT trabalharam de forma autônoma, apenas tendo em mente as especificidades da língua falada.

O produto dos trabalhos produzidos pelos GT está reunido em três conjuntos de obras publicadas em três períodos distintos: o primeiro reúne oito volumes lançados entre 1990 e 2003; o segundo reúne três volumes lançados entre 2006 e 2009; e o terceiro, sete volumes lançados entre 2013 e 2019. O Quadro 1 serve à sistematização desse produto, pautada no recorte dos conjuntos de obras.

Quadro 1 – Produto do PGPF.

Conjunto	Vol.	Organização	Título
1º	I	Castilho (1990)	Gramática do Português Falado (GPF): A ordem
	II	Ilari (1992)	GPF: Níveis de análise
	III	Castilho (1993)	GPF: As abordagens

	IV	Kato (1996)	GPF: Convergências
	V	Koch (1996)	GPF: Desenvolvimentos
	VI	Castilho e Basílio (1996)	GPF: Estudos descritivos
	VII	Neves (1999)	GPF: Novos estudos
	VIII	Abaurre e Rodrigues (2002)	GPF: Novos estudos descritivos
2º	I	Koch e Jubran (2006)	GPF: Construção do texto falado
	II	Ilari e Neves (2008)	GPF: Classes de palavras e processos de construção
	III	Kato e Nascimento (2009)	GPF: A construção da sentença
3º	I	Jubran (2015)	Gramática do Português Culto Falado no Brasil (GPCFB): A construção do texto falado
	II	Kato e Nascimento (2015)	GPCFB: A construção da sentença
	III	Ilari (2014)	GPCFB: Palavras de classe aberta
	IV	Ilari (2019)	GPCFB: Palavras de classe fechada
	V	Neves (2016)	GPCFB: A construção das orações complexas
	VI	Rodrigues e Alves (2015)	GPCFB: A construção morfológica da palavra
	VII	Abaurre (2013)	GPCFB: A construção fonológica da palavra

Fonte: elaborado pelos autores.

Uma das mais importantes contribuições do PGPF para a descrição do português falado no Brasil foi a incorporação do texto como plano de organização gramatical, tarefa atribuída ao grupo de organização textual-interativa. Os demais GT elegeram quadros teóricos compatíveis com os seus respectivos planos. Os GT de fonética/fonologia, morfologia derivacional/flexional e de sintaxe das relações gramaticais elegeram o gerativismo, enquanto o GT de sintaxe das classes de palavras elegeu o funcionalismo. Não havia, no entanto, uma abordagem de tratamento para o plano do texto, conforme o perfil teórico desenhado no PGPF. Isso se configurou, portanto, como um desafio para o grupo de organização textual-interativa.

Segundo Jubran (2006), foi necessário adequar o grupo ao escopo mais amplo do PGPF, voltado à formulação de uma gramática. Tal adequação, contudo, implicava lidar com um conjunto de dados de natureza distinta daqueles tradicionalmente contemplados pelas gramáticas existentes, uma vez que a abordagem do plano textual provocava uma alteração nos limites das unidades de análise, que chegavam até o nível da frase. Em decorrência disso, o grupo enfrentou o problema de definir o que se configuraria como gramatical no plano do texto, e, conseqüentemente, precisou elaborar uma proposta teórica para dar conta dessa análise. Essa proposta teórica é a PTI, cuja base, segundo Jubran (2006, p. 32), supõe que “os fatos formulativos-interacionais estão inscritos no texto falado, pelas contingências específicas em que é gerado”. Por esse motivo se diz que se trata de uma perspectiva de caráter simultaneamente textual e interativa, ou seja, que congrega, em uma relação de gradiência, os processos e elementos de constituição textuais (os dados formulativos) às condições de realização do ato comunicativo (os dados interacionais).

Essa relação de gradiência se expressa em processos de construção textuais que desempenham funções mais ou menos textuais ou mais ou menos interativas, sem que um dos polos seja anulado. A função será mais textual, se atuar preponderantemente na organização, condução, manutenção ou quebra do fluxo de formulação textual, e será mais interacional, se atuar majoritariamente nas circunstâncias interacionais.

As análises empreendidas com base na PTI, identificaram dois tipos de fenômenos: os processos próprios da modalidade oral, que atuam na atividade *on-line* da fala (hesitação e interrupção); e os processos propriamente ditos de construção textual (repetição, correção, paráfrase, parênteses, tematização/rematização e referenciação – tópica/metadiscursiva). Além desses processos, se identificaram os mecanismos de organização textual, concebidos como marcadores discursivos, mecanismos verbais responsáveis por sinalizar as relações textuais e interacionais, com foco funcional em uma ou outra dessas relações. Além da particularização desses

processos e mecanismos, se definiu a unidade de análise condizente com a teoria: o tópico discursivo.

3 As distinções de texto

A noção de gramática adotada pelo PGPF está baseada em um corpo de pressuposições, dentre as quais duas empregam o termo “texto”, conforme se lê em Nascimento (1993, p. 105).

- (i) a pressuposição de que, na contingência da efetivação da atividade linguística do falante/ouvinte [na produção e recepção de textos] temos a manifestação de sua “competência comunicativa”, caracterizável a partir de regularidades que evidenciam um sistema de desempenho linguístico constituído de vários subsistemas;
- (ii) a pressuposição de que o Texto é o lugar onde é possível identificar as pistas indicadoras das regularidades que caracterizam o referido sistema de desempenho linguístico.

A primeira pressuposição permite entender que o fato empírico com o qual o PGPF lida é a atividade linguística tal como realizada pelos usuários da língua. Nessa atividade linguística, são observadas as regularidades que compõem um sistema, concebido como um sistema de desempenho linguístico. Esse sistema, por sua vez, é composto por subsistemas. Um traço da segunda pressuposição é o fato de que o texto é o “lugar onde é possível identificar pistas das regularidades”. A relação entre essas proposições permite associar a ideia de que “lugar” é a contingência da atividade linguística.

Uma consequência da adoção dessas pressuposições é o fato de que todas as descrições gramaticais devem partir do texto, ou, em outros termos, das contingências da atividade linguística. Nesse sentido, caberia dizer, portanto, que o texto é o ponto de partida da construção da gramática, uma vez que as regularidades do sistema e de seus subsistemas, por princípio teórico, só podem ser observadas nele. Nesse caso, texto não é um objeto em si com base no qual se desenvolve um quadro explicativo, uma teoria, mas um lócus, uma instância de observação de fenômenos linguísticos.

As regularidades observáveis nas contingências da atividade linguística (no texto), e as operações aí envolvidas evidenciam um sistema de desempenho linguístico. Segundo Nascimento (1993, p. 106), para reconhecer um sistema de desempenho linguístico é necessário “[...] estabelecer as conexões entre as propriedades da língua e as modalidades do seu uso”. A gramática assume, então, a forma de um sistema de desempenho tripartite, co-constituído pelos subsistemas fonológico, morfossintático e textual.

Na instância de observação (o texto), são identificadas as regularidades que caracterizam o funcionamento desse sistema de desempenho. Com base nessa perspectiva de subsistemas de desempenho, configura-se uma concepção de texto: a de subsistema de desempenho linguístico. Em outras palavras, texto, nesse caso, é alcançado ao estatuto de um objeto de análise em torno do qual se desenvolve um desenho teórico.

Essas duas distinções (instância de observação e subsistema) apontam, é claro, para posturas teóricas distintas, embora situadas dentro de uma mesma proposta: a proposição de uma gramática do português falado. A postura que associa texto à contingência da atividade linguística serve para balizar toda descrição gramatical, isto é, nortear que ela deve partir de dados da atividade linguística real. Já a postura que propõe a concepção de um objeto de análise serve para orientar um tipo específico de descrição gramatical: a do plano do texto.

Quando consideramos pontualmente as proposições da PTI, reconhecemos uma terceira distinção de texto. Como já assinalamos, as proposições teóricas de base da PTI apoiam-se sobre uma concepção de linguagem como atividade interacional e de texto, segundo Jubran (2006, p. 28), como “unidades que resultam da ação verbal”, como “entidades comunicativas verbalmente realizadas e não entidades linguísticas que adicionalmente possuem um caráter comunicativo”. Desenha-se, nesse quadro, portanto, uma outra postura teórica em que se concebe um outro objeto de análise: o texto concebido como unidade sociocomunicativa globalizadora –

“sociocomunicativa” porque se trata de uma entidade que é produto da interação e “globalizadora” porque engloba fenômenos linguageiros que articulam a estrutura linguística com o contexto pragmático. As relações constitutivas dessa unidade diferenciam-se, portanto, das relações constitutivas de unidades de caráter estritamente estrutural.

Somamos, portanto, uma tripla distinção do termo “texto”, duas circunscritas à estruturação teórica do PGPF e uma circunscrita à da PTI. Essas distinções não estão sistematicamente apresentadas dessa forma nas publicações do PGPF tal como resumimos no Quadro 01 nem nas demais fontes consultadas. De fato, a sistematização que apresentamos aqui é resultado de um processo de construção com base na interpretação das fontes bibliográficas. Em 1993, durante o VII Seminário, foram debatidos sistematicamente os problemas teóricos suscitados pelos trabalhos já produzidos até então (Castilho, 2021). Nessa sistematização, aparecem os pressupostos a partir dos quais emergem as distinções de texto como “lugar” (instância de observação de fenômenos linguísticos) e como subsistema de desempenho (Nascimento, 1993). Em Jubran *et al.* (1992), constam as bases para a concepção de texto como unidade sociocomunicativa globalizadora. Em seguida, Koch *et al.* (1994) sistematizam e estabelecem essa concepção, que é assumida no âmbito da PTI por Jubran (2006).

A forma difusa e não sistemática como essas distinções aparecem nessas obras sinalizam, a nosso ver, a tentativa dos/das pesquisadores/as de articular a diversidade teórica e temática para cumprir o objetivo do PGPF de construir uma gramática descritiva do português culto falado no Brasil. Essa tentativa não logrou êxito, porque, como conta Castilho (2021, p. 9), “não se chegou a um acordo nem quanto ao objeto empírico, nem quanto ao objeto teórico, cindindo-se as posições em pelo menos duas grandes direções, para cuja formulação valem até certo ponto as distinções entre uma teoria formal e uma teoria funcional da gramática”.

Apesar das visíveis diferenças teóricas nos trabalhos dos diferentes grupos do Projeto, entendemos que restou a base teórica que deveria ser comum ao projeto de gramática do português falado. Infelizmente, essa base não foi levada a cabo nos trabalhos do PGPF, e os/as pesquisadores/as não desenvolveram, em cada grupo, um quadro teórico específico para cada um dos subsistemas de desempenho, e cada um optou por seguir uma abordagem já existente, gerativismo ou funcionalismo, por exemplo.

No entanto, hoje, podemos identificar, nesse desenho, a ideia de associar texto a instância de observação da atividade linguística de onde emergem os dados da descrição gramatical, e a um objeto de análise (subsistema de desempenho linguístico), ou seja, uma distinção elementar, necessária para dar conta de forma coerente da natureza heterogênea da linguagem.

A descrição fonológica, morfológica e sintática das línguas são temas estudados desde há muito tempo. Talvez por isso, os/as pesquisadores/as do PGPF optaram por adotar abordagens teóricas já consolidadas e não propor teorias diferentes para os subsistemas de desempenho. O grupo de organização textual-interativa, no entanto, não tinha essa opção. Como já dissemos, não havia referencial teórico que concebia o texto como parte da gramática. Por isso, também como já assinalamos, o grupo precisou formular um desenho teórico para dar conta do subsistema textual.

Esse movimento, conforme identificamos nas publicações, foi igualmente difuso, ou seja, não foi conduzido a partir de um único raciocínio. Uma saída, presente em Koch *et al.* (1994) e Jubran (2006), foi recorrer a campos consolidados como a Linguística Textual, a Análise da Conversação e a Pragmática. Isso é assumido na seguinte citação de Jubran (2006, p. 30-1).

Em síntese, a perspectiva textual-interativa, adotada no decorrer deste volume, apoia-se em fundamentos teóricos que emergem do tripé Pragmática/Linguística Textual/Análise da Conversação, calcado na preocupação com o funcionamento da língua em contextos de uso e, portanto, com a atualização da atividade discursiva em textos.

Observamos nessa citação o foco no “funcionamento da língua em contextos de uso” (a preocupação com o objetivo de construção de uma gramática), mas o fundamento em áreas não relacionadas à organização gramatical das línguas (Linguística Textual, Análise da Conversação e Pragmática). No entanto, em outros momentos, o “funcionamento da língua em contextos de uso” sai de foco, e entram questões relativas à ordem própria do texto, entendido como unidade sociocomunicativa globalizadora. O movimento teórico, nesse caso, ganha outra direção e se afasta um pouco da ideia de gramática. Esse raciocínio se ancora também na seguinte citação de Jubran (2006, p. 31).

Enquanto unidade sociocomunicativa globalizadora, o texto apresenta propriedades de coesão e coerência, fundadas numa ordem própria de relações constitutivas, diferenciadas das que se estabelecem no limite da frase. No caso do texto falado, essas relações ganham feitiços específicos, devido à sua natureza emergente, de produção momentânea e dinâmica, em uma situação concreta de interlocução: o texto ancora-se fortemente em dados pragmáticos que interferem na sua constituição.

A proposição de um quadro teórico para o subsistema textual como fato de gramática também é foco de discussão. Jubran (2007, p. 314), por exemplo, chega a empregar o termo “gramática textual-interativa” em “a Gramática Textual-Interativa (GTI) requer a consideração de um contingente de dados de natureza diversa dos que comumente se encontram nas gramáticas descritivas dos níveis lingüísticos da estrutura frasal”. No entanto, ao apresentar os conceitos e os princípios básicos dessa Gramática, a autora retoma os mesmos conceitos e princípios da PTI, presentes em Koch *et al.* (1994) e Jubran (2006), como mostram as seguintes citações.

Assim, um primeiro princípio norteador da GTI é o de que os fatos nela considerados têm as suas propriedades e funções definidas no uso, nas situações concretas de interlocução, envolvendo as circunstâncias enunciativas. Nesse sentido, na efetivação da atividade verbal, manifesta-se a competência comunicativa dos interlocutores,

compreendida como a capacidade de manter a interação social por meio de textos. (Jubran, 2007, p. 317)

Dessa concepção de texto, diretamente vinculada à de linguagem como interação social, decorre um outro princípio essencial para a GTI: o de que os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão lingüística. Portanto, os dados pragmáticos não são vistos como moldura dentro da qual se processa o intercâmbio lingüístico, ou como camada de enunciação que envolve os enunciados. (Jubran, 2007, p. 318)

Essas citações evidenciam, a nosso ver, que, apesar da tentativa de propor uma “gramática textual-interativa”, que seria o quadro teórico para dar conta do subsistema textual de desempenho lingüístico, o grupo de organização textual-interativa não logrou êxito. Em contrapartida, o grupo apresentou uma distinção para texto não relacionada com a organização gramatical de uma língua (unidade sociocomunicativa globalizadora) e deixou minimamente desenhado um quadro teórico para dar conta desse objeto.

Como já assinalamos, a distinção de texto como uma unidade sociocomunicativa globalizadora afasta a PTI do propósito original do PGPF, e passa a focalizar funções textuais-interativas, ou seja, fatos de formulação textual contextualmente motivados. A noção de interação diz respeito às condições de realização típicas da fala, como as intenções do/a locutor/a e sua relação com seu/sua interlocutor/a, e os entornos do próprio ato. A análise textual visa, então, a articular estrutura e interação.

4 Considerações finais

Neste trabalho, consideramos o fato de que o PGPF e a PTI realizaram distinções em torno do termo “texto”. Com isso em vista, recuperamos, histórica e epistemologicamente, com base em pesquisa bibliográfica, essas distinções para delinear o seu processo de construção, relacioná-las entre si e no quadro teórico geral do Projeto.

Uma primeira distinção associa texto ao lugar onde as regularidades do funcionamento da língua são percebidas, ou seja, texto é uma instância de observação de fenômenos linguísticos. A segunda distinção é feita para dar ao texto o estatuto de objeto de análise, ou seja, subsistema que compõe um sistema. Igualmente, a terceira distinção é feita para dar ao texto o estatuto de objeto de análise, mas, nesse caso, unidade sociocomunicativa globalizadora. Essas distinções não estão sistematizadas nem ordenadas dessa forma como um fundamento teórico básico do PGPF. Elas aparecem de forma difusa como consequência de uma tentativa de articular a diversidade teórica e de temas do PGPF tendo em vista o propósito de oferecer uma gramática do português culto falado no Brasil.

O PGPF reúne uma série de características que atestam o pioneirismo no contexto dos estudos linguísticos brasileiros. A ideia de escrever uma gramática exclusivamente da língua falada, por exemplo, foi concebida no contexto desse Projeto, assim como a primeira descrição da modalidade falada de uma língua românica (o português). As distinções de texto, reveladas por este trabalho, apontam, agora, para outro aspecto pioneiro do PGPF. Segundo Coseriu (2007, p. 84), “provavelmente não exista outro domínio da linguística em que as dificuldades conceituais sejam tão numerosas e chamativas como na linguística do texto, de modo que para começar é necessário fazer distinções”. Intencionalmente ou não (não temos condições de saber), as distinções com as quais o PGPF pretendia operar atuam nesse processo.

Com base nessas distinções, podemos evitar o equívoco teórico de se considerar o texto como uma propriedade natural da linguagem a qual constitui o objeto de interesse de uma teoria, conforme defende Pinheiro *et al.* (2025, p. 64): “quando tratamos de texto, não há um único objeto que sofre sucessivas evoluções graças à contribuição de diferentes autores e autoras, mas diferentes objetos teóricos autônomos forjados através de pontos de vista distintos”. Assim, mesmo de forma implícita e não sistemática, as reflexões do PGPF já sugeriam que as categorias de

explicação de fenômenos da linguagem são construções teóricas distintas, embora possam ser designadas com o mesmo termo (no caso, “texto”).

Nesse sentido podemos dizer que as distinções aqui propostas dão indicações para o campo dos estudos do texto. Podemos associar a atividade linguística propriamente dita a texto, e, assim, associar o termo “texto” como equivalente a uso da língua. Apenas nesse caso, portanto, caberia dizer que toda análise linguística é feita com base no texto. Se compreendemos que na atividade linguística, há um sistema de desempenho que apresenta estruturas regulares organizadas em planos ou subsistemas entre os quais há o sistema textual, então, texto é um objeto de análise, um dos subsistemas de desempenho linguístico, ou, em outras palavras, um nível de organização de uma língua. Finalmente, se concebemos que há, na atividade linguística, uma unidade de ordem própria, podemos alçar essa unidade a objeto de análise, ou seja, texto como unidade sociocomunicativa globalizadora.

Igualmente, nesse processo de distinção, determina-se a estrutura interna de uma teoria. No âmbito do PGPF, foi proposta a PTI como teoria para dar conta do texto como unidade sociocomunicativa globalizadora. No entanto, permaneceu sem desenho a teoria para a análise do texto como subsistema de desempenho. Trata-se, nesse sentido, a nosso ver, de uma tarefa pendente.

Nossa discussão sugere, portanto, que os estudos do texto herdam a tarefa de retomar algumas das proposições do PGPF como um empreendimento para o desenvolvimento da área, de forma especial no Brasil.

Referências

ABAURRE, M. B. M. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: a construção fonológica da palavra**, vol. VII. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. M. (org.). **Gramática do português falado: novos estudos descritivos**, vol. VIII. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, 2002.

CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do português falado: a ordem**, vol. 1. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp. 1990.

CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do português falado: as abordagens**, vol. III. As abordagens. Campinas, Editora da Unicamp / Fapesp. 1993.

CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (org.). **Gramática do português falado: estudos descritivos**, vol. VI. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp. 1996.

CASTILHO, A. T. Gramática do Português Brasileiro: fundamentos, perspectivas. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, 2021. p. 1-17. DOI <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id252>

CASTILHO, A. T. Apresentação da coleção. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: A construção do texto falado**, vol. I. São Paulo: Contexto, 2019 (2015). p. 9-25.

COSERIU, E. **Lingüística del texto. Introducción a la hermenéutica del sentido** (édition et annotation d'Óscar Loureda Lamas). Madrid: Arco / Libros, 2007.

JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado: níveis de análise**, vol. II. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp. 1992.

JUBRAN, C. C. A. S. Introdução. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: A construção do texto falado**, vol. I. Campinas: Editora da Unicamp, Contexto, 2006. p. 27-38.

JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (org.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 313-327.

JUBRAN, C. C. A. S. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: A construção do texto falado**, vol. I. São Paulo: Contexto, 2019 (2015).

ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado: níveis de análise**, vol. II. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp. 1992.

ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado: classes de palavras e processos de construção**, vol. II. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ILARI, R. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: palavras de classe aberta**, vol. III. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

ILARI, R. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: palavras de classe fechada, vol. IV. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

KATO, M. A. (org.). **Gramática do português falado**: convergências, vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, 1996.

KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: a construção da sentença. vol. III. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: a construção da sentença, vol. II. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

KOCH, I. G. V. *et al.* **Proposta teórica do grupo de organização textual-interativa do Projeto de Gramática do Português Falado**, 1994 (não publicado).

KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**: desenvolvimentos, vol. V. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, 1996.

NASCIMENTO, M. A gramática do português falado. *In*: ZILLES, A. M. S. (org.). **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1. ed., 1993. p. 93-116.

NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado**: novos estudos vol. VII. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Unicamp, 1999.

NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: processos de construção, vol. V. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

PINHEIRO, C. L.; LIMA, M. P. S.; NOGUEIRA, S. R. S.; ANANIAS, T. C. O problema da diversidade teórica em torno do texto. *In*: FERREIRA, H. M.; DIAS, J.; DE CASTRO DIAS, F. L. **Linguística textual**: dimensões linguísticas, semióticas e discursivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2025. p. 52-65.

RODRIGUES, Â.; ALVES, I. M. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: a construção morfológica da palavra, vol. VI. São Paulo: Editora Contexto, 2015.